



O filme de estreia do paulista Francis Vogner dos Reis como diretor foi 'Máquina Infernal', exibido no Festival de Locarno, na Suíça, em 2021



Em Tiradentes, ele coordena um time de curadores formado por Juliano Gomes, Juliana Costa, Camila Vieira, Leonardo Amaral, Lorennna Rocha, Mariana Queen e Rubens Anzolin



Divulgação



Rafael Freire/Labareda Produções Cinematográficas e Tecnológicas

'O Fantasma da Ópera', de Julio Bressane e Rodrigo Lima é o título de abertura da 29ª Mostra de Tiradentes

Um dos concorrentes da Mostra Aurora 2026 é 'Vulgo Jenny', de Viviane Goulart



Divulgação

Carlos Francisco em 'Máquina Infernal', filme dirigido por Francis que concorreu em Locarno, em 2021

berania está aí, nessa liberdade de tomar caminhos alternativos para que se possa construir verdadeiramente, com autonomia e coragem, imagens de um país que historicamente, desde o poder, recusou essas imagens. É preciso que o cinema brasileiro assuma de maneira independente essa diversidade radical sem pudores. Na nossa programação, acreditamos que o caminho da soberania no audiovisual passa por uma disputa imaginativa que pede novos modos de ver, fazer, pensar o audiovisual brasileiro à altura da complexidade que ele tem.

**Em 2002, o diretor Luiz Fernando Carvalho perguntou, num artigo sobre autorias, “para que serve um Godard?”, a fim de trazer a essencialidade da invenção no cinema. Apli-**

**cando essa provocação do realizador de “Lavroureiros Arcaicos”: pra que “serve” um Bressane?**

Eu não sei para o que serve um Julio Bressane, por isso seus filmes são fascinantes. Os filmes lançam desafios e estimulam o prazer. Os filmes do Bressane falam uma língua não codificada e ao mesmo tempo possuem uma pedagogia do sensível que se interessa por quem os vê porque não os subestima. Como Godard citado por você, Bressane sabe que seus filmes, se vistos com a abertura de espírito que pedem, acessam em nossa percepção dimensões que não conhecemos totalmente. O desconhecido é importante, é a opacidade, o indeterminado, o inconsciente.

**Como se processa, na prática, a coordenação da**

**curadoria da Mostra?**

De uma edição a outra, vemos e participamos de um processo de cartografia e compreensão do cinema brasileiro. Pela quantidade de filmes, somos divididos em duas equipes e criamos métodos para que todos os filmes sejam vistos, pelo menos por duas pessoas. No pouco tempo de que dispomos no processo, conversamos. Ainda que existam olhares diferentes, é preciso que tenhamos pontos em comum. Fazem parte das características do festival, filmes inquietos, que provoquem, que apostem na invenção, que elaborem coisas de modo instigante, que apostem na imagem, na imaginação do espectador e da espectadora. A temática, por exemplo, é algo que amadurecemos durante o ano, tendo em vista a experiência da edição anterior ou conjunturas específicas do audiovisual.

**Que direção a mostra Aurora, que abriu veios preciosos nos anos 2010 e seguiu com descobertas, tomou nos últimos anos e que desenho veremos nesta edição?**

Francis Vogner dos Reis: O cinema mudou muito, o audiovisual mudou muito. Os jovens realizadores mudaram muito. Hoje, o desejo de estreiar na Mostra Aurora está muito mais ligado ao desejo (político) de se identificar e se localizar num certo espectro do cinema brasileiro que entende que o realizador ou realizadora fazem parte de uma paisagem na qual não estão sós, mas possuem pares, interlocutores. Entendem que a estreia em Tiradentes possibilita uma vida pública diferente para seus filmes. Se num momento singular, a Mostra Aurora era também uma chance de início de carreira pública para cineastas desconhecidos, hoje as possibilidades de carreira se multiplicaram com labs (laboratórios) e festivais estrangeiros. A existência no mercado internacional pode consolidar uma assinatura individual, dar condições de carreira, ao cineasta de primeiro longa. A Aurora era, nos anos 2010, a afirmação a partir do novo, a afirmação de uma geração emergentes que entendia na prática a possibilidade de existir de um modo diferente no cinema brasileiro.

**E hoje?**

Hoje, a Mostra Aurora existe nesse cenário independente e de uma força simbólica já consolidada – ainda que não tenha mais o sabor de novidade, de descoberta geracional. Hoje a Mostra Aurora é a afirmação de uma certa postura de cinema, delinea essa multiplicidade de desejos ascendentes do cinema brasileiro que não cabem num projetinho de monocultura de certo cinema industrial obsoleto, verticalista e concentracionista. Veremos, este ano, filmes muito diferentes e de diversos cantos do Brasil. É uma responsabilidade histórica lutar para que esses cine-

mas – de pessoas, lugares, formas singulares - tenham continuidade. É uma questão de soberania, é uma responsabilidade com o futuro, uma atenção ao presente e uma dívida com as lutas passadas.

**Qual foi o filme que te fez amar cinema? Que filme te fez entender (ou quase) o Brasil? Que filme te fez querer fazer filmes?**

O filme que me fez amar o cinema muito cedo foi “O Terror das Mulheres”, de Jerry Lewis. O filme que me colocou em relação complexa e fértil com o Brasil... sei lá... foram vários: “Sem Essa Aranha”, “Limite”, “Carnaval Atlântida”, “O Viajante”, “Talentos Demais”, “Amélia”, “Boca do Lixo” (do Eduardo Coutinho), “Que Fim Levou A Mocinha Da Sauna Mista?”, “Ori”, “Tabu”, “A Longa Noite do Prazer”, “Ladrões de Cinema”. Que filme me fez querer fazer filmes? “Alma Corsária”, “O Homem Não É Um Pássaro”. Mas há outras coisas que não filme que nos fazem ter vontade de cinema também.

**E que filme te lembra que ser curador é uma arte?**

Não acho que curadoria seja arte. Acho que inclusive o termo “curadoria” foi inflado messianicamente, na última década no Brasil. Se tornou uma função teórico-política, um braço de disputadas da política acadêmico-departamental ou mesmo um modo de intervenção que mais pensa no campo do que nos filmes. Era comum vermos textos curatoriais que não falavam de filmes, mas de epistemologias curatoriais. Enfim, existe também uma dimensão do poder key keeper típico do mundo das artes visuais, mas, no cinema, a coisa ainda é mais plebeia, e essa figura do curador tem teto baixo. Prefiro o termo programador, prefiro programação à curadoria, e isso não quer dizer que eu ignore as implicações políticas da atividade. Sim “política está em tudo”, mas nem tudo é político da mesma forma, correto? É preciso ter isso em vista.